

O TESTEMUNHO DE RICARDO PIGLIA EM “UM DIA NA VIDA”

THE TESTIMONY OF RICARDO PIGLIA IN “A DAY IN THE LIFE”

Carla Carolina Moura Barreto¹

PIGLIA, Ricardo. *Um dia na vida*: os diários de Emilio Renzi. Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021.

“A narração alivia o pesadelo da História.”

(*Um dia na vida*, Ricardo Piglia)

As escritas de si têm desempenhado um papel significativo na literatura, permitindo aos autores explorar suas próprias experiências de vida entrelaçadas à ficção. Esses escritos desafiam os limites entre vida e literatura, convidando o leitor a adentrar na intimidade do autor e a refletir sobre questões universais através das lentes individuais. Além disso, também desempenham um papel crucial na preservação da memória coletiva e na construção de uma narrativa histórica mais abrangente. Ao compartilhar suas experiências pessoais, os autores fornecem testemunhos vivos de eventos e contextos históricos, contribuindo para a compreensão e reflexão sobre determinados períodos e culturas. Nesse sentido, essa interseção entre o individual e o coletivo enriquece a literatura e possibilita um diálogo singular entre o passado, o presente e o futuro.

Neste contexto, um trabalho literário que se destaca é a trilogia *Os diários de Emilio Renzi*, do argentino Ricardo Piglia. Piglia é considerado referência na literatura contemporânea argentina, por ter escrito obras como *Respiración artificial* (1980) e *Plata quemada* (1997). Além de escritor, era professor, editor, crítico literário e grande estudioso

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Roraima – Brasil. Doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas – Brasil, com período sanduíche em Universidad de Buenos Aires – Argentina. Bolsista FAPESP – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2825-4451>. E-mail: carolinbarreto1@gmail.com.

da literatura de seu país. Ao longo de sua vida, Piglia dedicou-se à escrita de diários íntimos, registrando experiências e reflexões pessoais. Esses registros, que totalizam 327 cadernos², foram cuidadosamente organizados e transcritos para três livros, enriquecidos com detalhes, introduções e textos inéditos, todos assinados pelo personagem assíduo de sua obra, Emilio Renzi³.

As obras que compõem a trilogia, *Años de formación* (2015), *Los años felices* (2016) e *Un día en la vida* (2017), foram publicadas no Brasil pela editora *Todavía*, nos anos 2017, 2019 e 2021, respectivamente. Nestas obras, Piglia reflete sobre diversos temas como literatura, identidade, memória e a própria escrita. Suas reflexões são desafiadoras e nos oferecem uma visão singular sobre a vida de um escritor e os prós e contras do processo criativo. Ao longo de seus diários, o autor transita entre 1ª e 3ª pessoa verbal para falar sobre si, resultando em um distanciamento, uma cisão. Piglia fala sobre “viver em terceira pessoa” e, desse modo, estabelece um duplo: Piglia/Renzi, eu/outro: “o tempo todo me espanto, como se eu fosse outro (e é isso que eu sou)” (PIGLIA, 2017, p. 224). O mesmo discurso permanece no último tomo da trilogia: “Falo e sou outro, estou afastado de mim [...]” (PIGLIA, 2021, p. 111). Assim, Piglia ancora-se em outro para escrever sobre si, apresentando-se como um “biógrafo de si mesmo”, o que torna o texto paradoxal. Vale ressaltar que essa cisão já se manifesta no ato de Piglia desarquivar seus cadernos e realizar um trabalho de reescrita, posto que aquele que revisita os diários e os reescreve já não é o mesmo captado no momento da escrita, tampouco aquele que foi escrito, é de fato, um outro, um “isto foi”, pensando na teoria da fotografia de Barthes (2017).

Tomarei como foco aqui o último volume da trilogia, *Um dia na vida* (2021), que encerra de forma magistral a saga iniciada nos tomos anteriores. A obra está dividida em três partes: I. *Os anos da peste*, que apresenta alguns fragmentos de diários, datados de

² Em 2015, o cineasta Andrés Di Tella lançou um documentário intitulado *327 cuadernos*, filme que nos mostra o escritor Ricardo Piglia revisitando os cadernos pessoais que manteve há mais de 50 anos, a fim de organizá-los e publicá-los. Atualmente, os 327 cadernos de Piglia fazem parte do acervo da Universidade de Princeton.

³ Emilio Renzi surgiu pela primeira vez no discurso ficcional de Piglia em 1967, no conto *La invasión* publicado em livro homônimo. O personagem apareceu posteriormente em diversas outras obras de Ricardo Piglia, como *Respiración artificial* (1980) e *El camino de ida* (2013). Renzi representa uma versão ficcionalizada de seu criador, uma vez que compartilha alguns “biografemas” com Piglia, como seu nome próprio. O nome do personagem faz parte do nome completo do autor: Ricardo **Emilio** Piglia **Renzi**. Com isso, Piglia cria um diálogo entre sua própria identidade e a persona literária de Renzi, estabelecendo, assim, um vínculo complexo entre o autor e sua obra.

1976 a 1982; II. *Um dia na vida*, narrativa em que Renzi fala sobre si em terceira pessoa; e III. *Dias sem data*, composta por relatos aleatórios da vida do personagem, como sua última aula ministrada em Princeton e a descoberta de uma doença que afetou sua mobilidade e comunicação, a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA).

O título desse último volume dos *Diários de Emilio Renzi*, possivelmente, faz referência à obra *Um dia na vida de Ivan Denisovich* (1962), do escritor russo Alexander Soljenítsin, que narra a história fictícia de um prisioneiro russo acusado injustamente de ter espionado a favor dos alemães. O uso do título não é por acaso. A escolha foi feita pelo autor para fazer referência à questão política retratada na primeira parte deste último volume, nomeada *Os anos da peste*. O título do capítulo, por sua vez, faz referência explícita à obra *A peste*, de Albert Camus. A peste é uma metáfora utilizada pelo autor para definir a ditadura militar argentina, uma “praga que assolava uma comunidade em consequência de um crime perpetrado na própria sede do poder do Estado. Um crime estatal que provoca nos cidadãos – sob a forma de uma epidemia – o terror e a morte” (PIGLIA, 2021, p. 13). Desse modo, os anos da peste são os anos sombrios em que os cidadãos argentinos sofrem desse mal estatal que aterroriza a sociedade. Temas como a repressão, a censura e a violação dos direitos humanos são abordados pelo autor, que, gradativamente, revela as consequências do regime militar sobre a sociedade argentina, contando o que viu e viveu nesse período. Assim, os cadernos de Renzi, como ele próprio reconhece, servem como um testemunho literário desse tempo, de modo a oferecer uma visão poderosa e crítica sobre a história argentina:

A peste, portanto, e nós, testemunhas, contamos o que vivemos naquele tempo sombrio; meus cadernos são um registro alucinado e sereno da experiência de vida em estado de exceção. Tudo parece continuar igual, as pessoas trabalham, se divertem, se apaixonam, se distraem e não parece haver sinais visíveis do horror. Isso é o mais sinistro, sob uma aparência de normalidade, o terror persiste e a realidade cotidiana continua aí como um manto, mas às vezes um vazamento deixa ver a verdade crua. (PIGLIA, 2021, p. 14-15).

Piglia observa que, apesar da aparência de normalidade no início da ditadura, o terror persiste oculto por trás de uma fachada cotidiana. Ele reconhece a necessidade de narrar e testemunhar essas experiências, sublinhando a importância de documentar e dar

voz às vivências em períodos de repressão e opressão, de modo a preservar a memória histórica e desvendar a realidade por trás das aparências.

Em meio a todo o horror, amigos de Renzi desapareciam e exilavam-se, no entanto, mesmo correndo riscos, ele resiste ao exílio e permanece na Argentina. Nesse período, acompanhamos também os bastidores da criação da célebre obra de Ricardo Piglia, seu primeiro romance, *Respiración artificial*. O escritor, na voz de Renzi, compartilha suas primeiras ideias e fornece detalhes sobre a produção dos capítulos, as alterações feitas, a finalização, a expectativa de publicação e o medo da censura, posto que a obra trata da ditadura argentina sem mencioná-la diretamente. Essas colocações permitem que o leitor entenda melhor o processo criativo de Piglia, de modo a adquirir uma perspectiva mais profunda sobre as motivações, as escolhas artísticas e o processo de transformação de ideias do autor ao produzir sua obra.

Os Diários de Emilio Renzi destacam repetidamente uma data: 16 de junho. Este dia emerge como um ponto crucial na vida de Renzi, entrelaçando, novamente, dois temas centrais de sua trajetória: literatura e política. Essa data tem um significado especial na literatura, pois marca a celebração do *Bloomsday*, uma festa literária originária de Dublin, na Irlanda, em homenagem à obra *Ulisses*, de James Joyce. O romance se desenrola ao longo de um único dia na vida do personagem Leopold Bloom.

Além disso, o dia 16 de junho também marca definitivamente a trajetória pessoal de Renzi, uma vez que nesta data, um grupo de militares e civis opositores ao governo do presidente Juan Domingo Perón tentou um golpe de Estado. A tentativa de golpe foi marcada por bombardeios aéreos sobre a cidade de Buenos Aires, principalmente em áreas próximas à Casa Rosada, o palácio presidencial. O ataque provocou uma crise política e intensificou o tumulto, que culminaria na deposição de Juan Domingo Perón no final de 1955, após um golpe mais bem-sucedido. Esse contexto deu início a uma perseguição ao peronismo, resultando na prisão do pai de Emilio Renzi e, posteriormente, em seu exílio em Mar del Plata, para onde teve que migrar com sua família.

Essa mudança obrigou o jovem Renzi a deixar sua cidade natal e, como resultado, a começar a escrever seu diário, como ele descreve no primeiro volume dos *Diários de Emilio Renzi*: “Em dezembro de 1957 abandonamos Adrogué meio clandestinamente e fomos morar em Mar del Plata. Nesses dias, em meio à debandada, num dos cômodos desmantelados da casa, comecei a escrever um diário. O que eu procurava? *Negar a*

realidade, recusar o que estava por vir” (PIGLIA, 2017, p. 29, grifo meu). Assim, 16 de junho se revela como uma data com múltiplas camadas de significado dentro dos diários, refletindo tanto a relevância literária quanto os eventos tumultuosos que moldaram a vida pessoal de Renzi.

No segundo capítulo deste volume, que possui o mesmo título da obra, Renzi cede a palavra a outro narrador e sua vida passa a ser narrada em terceira pessoa. O capítulo inclui fragmentos de cartas, sonhos e a perspectiva de um barman que costumava servir Renzi e observá-lo no bar que frequentava. Além disso, são apresentadas reflexões ensaísticas sobre temas como memória e esquecimento, produzidas a partir das aulas ministradas por Renzi. Desse modo, esse conjunto de elementos revela uma relação intrincada entre a vida pessoal e a produção intelectual de Renzi.

Um ponto muito interessante presente nesta segunda parte do livro é a descrição do trabalho de transcrição dos diários de Renzi. Acompanhamos o personagem transformando seus cadernos no que agora temos em nossas mãos: seu romance, o que atribui à obra um caráter metaficcional. Além disso, Piglia insere um fragmento peculiar em seu livro: um texto crítico sobre os *Diários de Emilio Renzi*. Somos apresentados a um fragmento sobre o chamado *Livro do naufrágio*, que corresponde aos diários de Renzi. O texto, escrito em linguagem formal, aborda o descobrimento do livro por dois pescadores que o encontram entre ruínas e o impacto dessa descoberta. O autor constrói um texto informativo e crítico sobre os diários, considerado por estudiosos (no universo do relato, após sua descoberta), como “um dos testemunhos mais antigos da prática literária nos tempos de expansão da cultura web” (PIGLIA, 2021, p. 249).

Em seguida, o leitor passa a compreender a gênese desse relato e o motivo pelo qual ele foi inserido na narrativa. Tudo foi resultado de um sonho de Renzi, que optou por registrá-lo e incorporá-lo ao seu livro como uma espécie de conto ensaístico sobre a própria obra. Com isso, Piglia apresenta uma autorreflexividade narrativa, própria da metaficção que, segundo Hutcheon (1984), consiste em uma ficção que inclui em si um comentário sobre sua própria narrativa ou identidade linguística. Assim, o texto possui um viés metalinguístico, uma vez que traz reflexões e discussões sobre a própria linguagem e sobre o processo de construção da obra.

A última parte do livro, intitulada *Dias sem data*, encerra a série com uma estrutura dividida em 11 partes. Narrado em primeira pessoa, o capítulo apresenta fragmentos não datados organizados por temas. Essas anotações abrangem os últimos anos do escritor, mesclando memórias felizes com relatos dos melancólicos dias da “queda” de Renzi, termo utilizado no último fragmento para descrever o período em que ele esteve doente.

Ao longo do capítulo, testemunhamos o personagem sendo progressivamente afetado pela ELA: “Morrer é difícil, algo está acontecendo comigo, não é uma doença, é um estado progressivo que altera meus movimentos. Isto não está funcionando. Começou em setembro do ano passado, não conseguia fechar os botões de uma camisa branca” (PIGLIA, 2021, p. 310). Conforme os dias passam, a situação se agrava cada vez mais: “os dedos pararam de obedecer” [...]. A mão direita está pesada e indócil, mas consigo escrever. Quando não conseguir mais...” (PIGLIA, 2021, p. 310-311). Piglia descreve o estado progressivo que afeta seus movimentos físicos. Através dessas palavras, sentimos a percepção do autor sobre sua própria condição e a conscientização de que algo está se transformando dentro dele. O ato de não conseguir fechar os botões de sua camisa, por exemplo, revela a gradual perda de habilidades e o impacto dessas mudanças em sua vida. Esse fragmento desperta reflexões sobre a finitude humana e a luta contra os efeitos debilitantes da doença, evidenciando a batalha enfrentada diante da inexorabilidade da condição.

Além disso, assim como em seus diários anteriores, Renzi, ao longo de *Dias sem data*, narra sobre o processo de criação de seus textos, compartilha reflexões sobre suas leituras e cita frases de grandes escritores, como Tchêkhov, Tolstói, Beckett, Kafka, Hemingway etc. Essa prática revela um procedimento de intertextualidade, posicionando Renzi como um autor-diarista que também assume o papel de leitor, tecendo uma rede rica de influências literárias em sua narrativa.

Nesse conjunto de relatos, somos levados a testemunhar a despedida de Renzi em Princeton e seu retorno à Argentina, seu país de origem, agora redemocratizado. Ademais, o autor também nos conduz por suas reflexões acerca do gênero diário:

Depois de tantos anos escrevendo nestes cadernos, comecei a me perguntar em que tempo verbal eu deveria situar os acontecimentos. Um diário registra os fatos enquanto eles ocorrem, não os rememora nem os organiza narrativamente. Tende à linguagem privada, ao idioleto. Por isso, quando lemos um diário, encontramos blocos de existência, sempre no presente, e só a leitura permite reconstruir a história que se desenrola invisível ao longo dos anos. Mas os diários aspiram ao relato e nesse sentido são escritos para serem lidos (mesmo que ninguém os leia). (PIGLIA, 2021, p. 278).

Neste trecho, Piglia ressalta que os diários aspiram ao relato, ou seja, eles têm a vontade intrínseca de se tornarem narrativas, mesmo que sejam destinados a uma audiência potencialmente inexistente. Essa dualidade é fascinante, pois revela a ambiguidade inerente ao ato de escrever um diário. Por um lado, ele serve como um espaço íntimo de expressão pessoal, onde o autor pode despejar seus pensamentos, emoções e reflexões sem restrições. Por outro lado, há a esperança de que alguém, mesmo que em um futuro distante, possa ler essas palavras e compartilhar da experiência do autor. Dessa forma, Piglia nos convida a refletir sobre a complexidade do gênero diário, que transcende sua função inicial de registro pessoal.

Na obra *Um dia na vida*, Piglia, por meio de Renzi, explora a intersecção entre a vida pessoal e a esfera pública, oferecendo um relato sobre si e um retrato da sociedade argentina e do contexto histórico em que a narrativa se desenrola. Assim, seu texto está ligado à reconstrução do presente e do passado e possui uma relação intrínseca com o testemunho, uma vez que traz consigo o relato de sua experiência pessoal. Segundo Derrida (2015), um testemunho “diz, na primeira pessoa, o segredo, partilhável e impartilhável, do que me aconteceu, a mim, só a mim, o segredo absoluto do que estive em posição de viver, ver, entender, tocar, sentir e ressentir” (DERRIDA, 2015, p. 52), sendo, portanto, a experiência algo fundamental para sua existência.

É importante ressaltar que Piglia utiliza uma abordagem literária e ficcional em sua escrita, o que significa que os *Diários de Emilio Renzi* não devem ser interpretados como um registro estritamente autobiográfico, mas sim como uma construção narrativa que

incorpora elementos reais e fictícios, incluindo o testemunho como uma das ferramentas para explorar a condição humana e a sociedade.

Por fim, *Um dia na vida* é uma leitura que exige atenção e envolvimento do leitor, mas recompensa generosamente aqueles que se entregam à experiência. Piglia nos desafia a questionar nossas próprias percepções da realidade e a refletir sobre escrita, memória, política, arte e relacionamentos. A obra é um exemplo notável da maestria literária de Piglia que, mais uma vez, demonstra sua habilidade em explorar diferentes formas e estilos narrativos, aprofundando-se em temas universais de uma maneira singular. Para os amantes da literatura contemporânea, *Um dia na vida* é uma leitura indispensável, que provoca, emociona e nos convida a mergulhar nas profundezas da mente e do coração de Emilio Renzi/Ricardo Piglia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DERRIDA, Jacques. *Demorar*: Maurice Blanchot. Tradução Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. New York: Methuen, 1984.

PIGLIA, Ricardo. *Anos de formação*. Tradução de Sergio Molina São Paulo: Todavia, 2017.

PIGLIA, Ricardo. *Um dia na vida: os diários de Emilio Renzi*. Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2021.

Recebido em 24/07/2023.

Aceito em 25/04/2024.